



ALTERIDADE E FEMINISMO: DESAFIOS ÉTICOS PARA A IGREJA

Otherness and Feminism: Ethical Challenges for the Church

Miquéias Machado Pontes

Resumo

As questões de alteridade e feminismo têm sido discutidos e debatidos desde o último século, e a Igreja tem sido impelida a dar respostas a tais questões nas novas formas de relações de poder na qual está embutida tal discussão. Como essas questões têm influenciado as relações de poder nas Igrejas Assembleia de Deus no Brasil? Ou a Igreja não tem sido influenciada por tais relações mesmo em meio ao pluralismo contemporâneo? Qual a importância das mulheres e suas contribuições para o desenvolvimento e formação da liderança das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil? Qual a relevância do projeto de uma liderança mais qualificada, justa, humana, sensível e eficaz, que tenha em vista a importância do *outro* e a sua responsabilidade como motivação da formação da liderança da Igreja? Essas são algumas questões que motivam a presente reflexão.

Palavras-chave: Alteridade. Feminismo. Ética.

Abstract

The issues of otherness and feminism have been discussed and debated since the last century, and the Church has been compelled to provide answers to such questions in the new forms of power relations in which it is embedded such discussions. How have these issues influenced the relations of power in the Assembly of God Churches in Brazil?? Or has the Church not been influenced by these same relations amid the contemporary pluralism? What is the importance of women and their contributions to the development and formation of the leadership of the Assembly of God Churches in Brazil? What is the relevance of the project in a more qualified leadership, just, humane, sensitive and effective, taking into consideration the importance of others and their responsibility as motivation of the Church's leadership formation? These are some questions that motivate this reflection.

Keywords: Otherness. Feminism. Ethics.

Considerações Iniciais

Na maior parte da história registrada, desde os seus primórdios até os dias de hoje, as mulheres têm sido consideradas subordinadas aos homens. Desde Platão até o final do século XVIII, quando se inicia os questionamentos no âmbito político, social e ético, sobre a influência cultural que resultaram em um ativismo feminino igualitário.

É um movimento da década de 50 que visava dar as mulheres os mesmos direitos humanos, igualdade de gênero, redução da diferença, separação entre sexo e gênero, direito de votar, direito de ter o mesmo trabalho, acesso a universidade, direitos iguais no âmbito social como um todo, um feminismo igualitário.

A ‘guerra dos sexos’ se inicia no âmbito político e ideológico, mediante as rápidas mudanças socioculturais. A perspectiva linguística e histórica entrelaçadas com questões políticas e sociais aguçam a discussão a respeito da dominação masculina.

A exigência do movimento feminista era que as mulheres fossem tratadas como cidadãs iguais aos homens, com direitos iguais no âmbito legal, social e político. As principais correntes do feminismo são: **feminismo liberal**, que tem como base filosófica o princípio do individualismo¹, ou seja, a crença de que o indivíduo tem importância fundamental, portanto, todos têm o mesmo valor moral, homem e mulher; **feminismo socialista**, de que a relação entre os sexos tem raízes na própria estrutura socioeconômica, portanto, somente uma ‘revolução social’ poderia oferecer às mulheres tais mudanças; **feminismo radical**, visava o despertar da consciência das mulheres, proporcionando estratégias que viessem remodelar sua identidade social levando-as à ênfase ao amor próprio, à autoestima e autoafirmação; **novas correntes feministas**, incluindo o feminismo psicanalítico, feminismo pós-moderno e o feminismo negro. Afirmavam que não existe uma identidade feminina fixa, pois a noção de ‘mulher’ não passava de uma invenção².

A principal reivindicação era a respeito da igualdade dos sexos, de que fossem dados aos homens e às mulheres os mesmos direitos, principalmente no âmbito educacional, educação igual, já que a mente não têm gênero. Sobre o seu próprio corpo e mente, o indivíduo é soberano, afirmava John Stuart Mill, portanto, se a todos(as) fossem dados os mesmos direitos, afirmava Stuart Mill, a educação aumentaria a felicidade geral³.

¹ Visava a importância central do indivíduo, em contraposição à de grupos sociais ou organismos coletivos.

² HEYWOOD, Andrew. *Ideologias políticas: do feminismo ao multiculturalismo*. vol. 2. São Paulo: Ática, 2010. p. 31-39.

³ BUCKINGHAM, Will et al. *O Livro da Filosofia*. Tradução de Douglas Kim. São Paulo: Globo, 2011.

Desafios para a Igreja na atualidade

Israel Batista apresenta algumas mudanças diante de um novo modelo de religião, fé e espiritualidade que tem marcado o que ele chama de modernidade e proposto algumas mudanças nas instituições eclesiais.⁴ Com o advento do Iluminismo, a racionalidade foi instrumentalizada dando ênfase à subjetividade e não mais à coletividade da vida em comunidade, algo até então muito comum e enfatizado no âmbito religioso, gerando novas formas de vinculação da vida religiosa. A religião começou a ser interpretada com um novo olhar, com uma nova visão, mais crítica, gerando uma teologia mais racionalista, na qual alguns esquemas ideológicos foram rechaçados como utópicos, provocando uma mudança de realidade.

Com o avanço do que algumas teóricas chamam de pós-modernidade, novas tecnologias, novas descobertas científicas e novas discussões morais e éticas, fazem emergir novas realidades sociais. Os poderes econômicos passam a ditar essa nova moral subordinando os poderes políticos. O neoliberalismo impõe um novo ritmo de convivência de tendências sociais que fazem parte deste ‘pacote’ de desenvolvimento econômico proposto pelas novas exigências do mercado, e que é regido pelo poder do capital e não mais só por poderes políticos, religiosos e valores éticos, que não estão mais atendendo às novas exigências advindas desse novo contexto.

Diante destas novas realidades, o que a Igreja tem feito para atender tais desafios? Como ela tem reagido para atender a essas novas questões?

Em meio às tensões latino-americanas, a Igreja tem sido fortalecida e amadurecida com uma visão de futuro, afirma Batista.⁵ Apesar da fragmentação dos espaços religiosos por conta de ‘exigências’ e dinâmicas do mercado capitalista, tais desafios não podem ditar as regras para a Igreja, fazendo-a perder sua identidade, ainda que por muitos anos a Igreja, ao invés de ser um canal de ‘Boas Novas’, de libertação da alma e também do corpo, tenha sido opressora e irresponsável em muitos aspectos. A Igreja precisa atentar a esses novos desafios.

Percebe-se que um pouco mais de *sensibilidade* ajudaria a Igreja a não mais impor sua mensagem de salvação, mas a proclamá-la por meio de ações e não só de palavras e

⁴ BATISTA, Israel. Para brotar, a Semente deve morrer. In: SINNER, Rudolf von (Org.). *Missão e Ecumenismo na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2009. p. 92-93.

⁵ BATISTA, 2009, p. 98.

discurso que atendam às necessidades da sociedade tão carente e oprimida pelo sistema que exclui as pessoas mais pobres e necessitadas.

A proposta de unidade não é em busca de debates doutrinários, o que seria bem difícil, mas pelo menos em busca de uma proposta pastoral, profética e missionária, relata Batista.⁶ O desafio da Igreja é passar de uma minoria intranscendente para uma minoria positiva, significativa e motivada que proporcione mudanças não só para o além, mas para o presente, como um ator social atuante na sociedade.

Tal proposta não deve estar pautada em credos e confissões eclesiais somente, mas, acima de tudo, diz Batista, na capacidade de discernir a esperança em meio a incertezas.⁷ As mudanças geram crises que fazem parte natural do processo de desenvolvimento. Porém, tais mudanças provocam uma nova percepção da realidade, propondo uma imaginação nova que atenda às necessidades em testemunho e compromisso movido por compaixão, a *alteridade*.

Alteridade e feminismo

As questões da alteridade e do feminismo têm trazido um novo olhar para as relações de poder no campo eclesial. Apesar de inúmeras restrições quanto à questão discutida, revelando quanto pré-conceito, desvalorização e falta de informação sobre a história há no seio das práticas eclesiais, o feminismo tem influenciado também as práticas das igrejas pentecostais, mesmo que transversalmente, pois as mudanças na sociedade também atingem as igrejas com fortes traços conservadores, uma vez que as conquistas tornadas leis positivas a toda a sociedade obriga sua observação.

Diante das crises e desafios que emergem das novas organizações sociais e, apesar da realidade de uma sociedade capitalista, na qual o que determina a ética e a moral é aquilo que gera lucro, têm sido verificados grandes avanços na questão dos valores. O feminismo, tanto como movimento social quanto como corrente teórica, tem trazido muitas transformações, juntamente com grandes avanços tecnológicos, e contribuído para a valorização do *outro*, no controle de natalidade, na inserção das mulheres no mercado de trabalho e, de forma geral, na questão dos direitos das mulheres na sociedade. A igreja e a reflexão teológica não ficaram alheias a tais questões.

⁶ BATISTA, 2009, p. 99.

⁷ BATISTA, 2009, p. 101.

Segundo Afonso Murad

A teologia cristã aos poucos compreendeu a importância da reivindicação das mulheres, a partir do fundamento da igual dignidade do homem e da mulher, criados a imagem e semelhança de Deus. Constatou também a violência e os abusos contra as mulheres e a discriminação em torno do tema da sexualidade, e se posicionou diante disso.⁸

É notório que o comportamento do indivíduo é influenciado por uma série de fatores que irão nortear a conduta e os valores morais que são construídos e adquiridos na dinâmica do contexto social em que está inserido, como afirmam as teorias feministas e de gênero. Porém, Luiz Felipe Pondé, ao analisar a questão de gênero, critica particularmente a questão relativa à compreensão das questões biológicas implicadas na construção das identidades de homens e mulheres. Segundo ele:

Claro que a sociedade impacta a sexualidade e seus modos de ação, mas dizer que não há nada no homem e na mulher (ou na maioria esmagadora deles) que tenha a ver com sua herança biológica é como negar a lei da gravidade dizendo que os corpos caem apenas porque a ideologia opressora persegue os corpos de menor massa.⁹

As teorias feministas contemporâneas afirmam que as identidades de gênero representam construções culturais, e não são derivadas diretamente de fatores naturais e biológicos. O que as teorias de gênero fazem é diferenciar entre 'sexo' (biológico) e 'gênero' (socialmente construído). A construção sócio histórica, a ideologia sexual e os sistemas de crenças que especificam o que é característico de um e de outro sexo, é o que determinam os direitos, os espaços, as atividades e as condutas exigidas de cada sexo.

As mulheres, no âmbito eclesiástico, não se fecharam para o diálogo diante dos desafios impostos. As mulheres podem contribuir e auxiliar nas relações no âmbito do poder religioso. Tal proposta é a de uma liderança mais qualificada, justa, mais humana, sensível e eficaz que mostre a importância da *alteridade* e suas responsabilidades como motivação da formação da liderança da Igreja.

As questões que envolvem as mulheres tiveram grande relevância na perspectiva desse novo olhar da liderança eclesiástica, mediante as enormes contribuições no âmbito da formação e qualificação da liderança de tal Igreja, mostrando a importância das mulheres quanto à relação de poder nas Igrejas. Apesar da contribuição e legado deixado pelas mulheres na história das Assembleias de Deus no Brasil, ainda é perceptível grandes

⁸ MURAD, Afonso et al. *A casa da teologia: introdução ecumênica à ciência da fé*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 199.

⁹ PONDÉ, Luiz Felipe. *Guia politicamente incorreto da filosofia*. São Paulo: Leya, 2012. p. 86.

restrições ao se discutir a questão de gênero e religião entre a liderança das Igrejas, muitas vezes por falta de informação da própria história, que é ocultada. Diante da tensão é fundamental buscar respostas para tais indagações e analisar como a teologia tem respondido a tais tensões impostas pelas novas organizações sociais contemporâneas.

O feminismo e seus questionamentos

A imagem da mulher como ‘anjo do lar’ idealizava o papel doméstico das mulheres, além de obscurecer a importância e a vitalidade das mulheres fora do âmbito doméstico. Seu papel no mundo do trabalho, no âmbito social, não tinha relevância. O perfil da mulher era o de nunca ter opinião ou vontade própria, e sempre concordar com as opiniões e as vontades dos outros, sem se posicionar, simbolizando pureza, afirma Virginia Woolf.¹⁰

A presença das mulheres no âmbito social sempre suscitou muitos preconceitos, pois eram vistas como um fantasma a ser combatido e marginalizado do âmbito social. De fato, nada impede que as mulheres exerçam tais profissões que eram vistas como sendo exercidas com exclusividade por homens, a exemplos de médicos, advogados, motoristas, pedreiros e tantas outras funções que são ‘oficializadas’ para homens.

Nessa direção, o feminismo designa um movimento político que tem como objetivo fortalecer o papel social das mulheres na sociedade. Esse movimento, e também as reflexões que surgem a partir dele, visa atenuar a desvantagem que é imposta às mulheres pelo fato de serem mulheres, propondo a abolição desta desvantagem no contexto social, como afirma Andrew Heywood.¹¹ Este movimento tinha como foco central, nos seus inícios, a campanha pelo sufrágio universal, período conhecido como ‘primeira onda’, e que visava acima de tudo a emancipação política. A ‘segunda onda’ tinha como foco central a libertação das mulheres no âmbito social. Os dois momentos no desenvolvimento do feminismo tinham como propósitos a diminuição do radicalismo e a fragmentação presente em várias propostas, porém sem um princípio comum, considera Heywood.¹²

Os principais temas abordados eram: a separação entre o público e o privado, o patriarcado, o sexo, o gênero e a igualdade e a diferença. Tais políticas visavam principalmente a superação da problemática do público e do privado, catapultando a

¹⁰ WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM, 2012. p. 11-12.

¹¹ HEYWOOD, 2010. p. 21.

¹² HEYWOOD, 2010, p. 23.

presença das mulheres ao âmbito público das decisões coletivas. Heywood expõe tal superação mostrando que a mulher ficava restrita ao papel privado de esposa e mãe, isto é, literalmente excluída da vida pública. O autor apresenta a divisão sexual do trabalho entre o homem 'público', voltado para a política, a educação, a profissão, as artes, a literatura, etc, enquanto que a mulher, restrita ao 'privado', atinha-se exclusivamente para a família, para a assistência aos filhos e marido e ao trabalho doméstico.¹³

As teorias do patriarcado como um sistema político permitiram enxergar até onde se estendem o controle e o domínio sobre as mulheres, colocando-as em uma posição inferior. Essa tomada de consciência mostra e revela a violência sofrida durante séculos, pois milhares de mulheres pensavam que sofrer maus-tratos fosse algo normal. Claro que muitas conquistas já foram feitas no âmbito político, mas ainda existe muito para se avançar, pois os problemas somente vêm sendo colocados na mesa, não desapareceram.¹⁴

A industrialização gerou uma mudança estrutural no seio da família, fazendo uma separação definitiva entre moradia e local de trabalho, subtraindo da família esta autonomia econômica. A vida pública estava reservada ao homem, enquanto que a vida privada, domiciliar, estava reservada para a mulher. Dentro desse contexto, Heywood afirma que o fator biológico (gerar filhos), ligado à posição social das mulheres, não as colocam em desvantagem, muito menos determina seu destino social.¹⁵ Porém, a sociedade moderna tem tentado transferir suas responsabilidades familiares para o Estado em busca de produção e consumo.

Assim, a proposta do feminismo no tocante à participação das mulheres no *mundo do trabalho*, numa *perspectiva política*, visava um despertar da consciência, buscando estratégias que viessem remodelar a identidade social e desafiar a inferioridade cultural imposta pela sociedade às mulheres. Segundo Heywood, o feminismo enfatiza o amor-próprio, a autoestima e a autoafirmação.¹⁶

As feministas afirmam que as instituições religiosas acusam-nas de destruidoras da fé e dos valores da religião. A proposta de tal movimento fora da Igreja, segundo Augustus Nicodemus, teve três momentos marcantes. No século XVIII, há a reivindicação dos direitos das mulheres com a 'Primeira Onda' de tal movimento. No século XIX, reivindicam-se os

¹³ HEYWOOD, 2010, p. 25.

¹⁴ GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011. p. 17-18.

¹⁵ HEYWOOD, 2010, p. 27.

¹⁶ HEYWOOD, 2010, p. 37.

direitos básicos das mulheres como: melhores empregos, pagamento equitativo e mercado de trabalho, empregos que até então eram exclusivos dos homens. Com essas reivindicações veio a denúncia do duplo padrão de moralidade imposto e que condenava as mulheres e excluía os homens de penas públicas, inclusive em relação aos crimes de natureza sexual. Tais reivindicações provocaram mudanças justas e consistentes tornando o movimento maior, gerando mudanças drásticas no contexto do casamento por conta da liberação das leis do divórcio que valorizavam o *status* legal das mulheres. Por fim, o século XX de Simone de Beauvoir, presenciou a primeira fase da construção do feminismo moderno. A publicação da obra *O Segundo Sexo (Le Deuxième Sexe)*, considera Nicodemus, foi importante para a afirmação das mulheres, as quais sempre foram definidas e diferenciadas por padrões masculinos.¹⁷

Outra grande expoente de tal movimento foi Betty Friedan que trouxe uma nova perspectiva a respeito da mulher moderna, desmistificando as mulheres americanas para além de esposas e mães, fazendo-as encontrar e conhecer a si mesmas, provocando enormes mudanças nas estruturas de relações de poder político, social e econômico. Betty atacava os mitos culturais que sustentavam o caráter doméstico da mulher, derivando em sentimento de frustração e desespero, confinando, por isso, as mulheres aos papéis de esposas e mães. Seu objetivo era ampliar as oportunidades e as profissões que as mulheres ocupavam. Esta iniciativa foi vista por muitos como perigosa, pois supostamente visava incentivar as mulheres a negar a importância dos filhos, do lar e da família.

Diante da tensão que os novos desafios têm provocado na sociedade, como a questão de religião e gênero, o feminismo e seus questionamentos têm despertado um novo olhar em busca de respostas para tais indagações. Ainda que tais respostas não sejam suficientes e definitivas, tem-se buscado outras respostas para essas tensões impostas pelas novas organizações sociais contemporâneas, buscando um consenso mínimo entre homens e mulheres.

Teologia feminista

¹⁷ LOPES, Augustus Nicodemus. *O Feminismo Cristão: como tudo começou*. Disponível em: <<http://temporales.blogspot.com.br/2011/12/o-feminismo-cristao-como-tudo-comecou.html>>. Acesso em: 04 out. 2014.

A teologia feminista não pode ser compreendida sem uma ligação com o movimento feminista secular.¹⁸ Tal teologia nasce e tem a mesma finalidade do movimento feminista laico.

O surgimento da Teologia Feminista está vinculado ao movimento feminista. Como um movimento político, o feminismo advoga a equiparação de direitos e deveres entre mulheres e homens, denunciando a disparidade social e econômica entre os sexos e almejando uma sociedade na qual homens e mulheres tenham o mesmo valor. A teologia feminista, por sua vez, aponta as incongruências nas práticas eclesiais, o papel legitimador das religiões na subserviência feminista e o potencial libertador que as religiões oferecem.¹⁹

A teologia feminista cristã é feita por mulheres cristãs que buscam compartilhar e contribuir por meio de suas pesquisas e experiências, para a consciência da dignidade e da responsabilidade das mulheres.²⁰ Wanda Deifelt alerta sobre o perigo de se domesticar Deus: “Nossa compreensão de revelação se dá, de modo geral, dentro do padrão daquilo que conhecemos, ou seja, de nossos sistemas de valores e crença, da fé que nos foi ensinada por nossos ancestrais”.²¹ Segundo sua perspectiva, existe o perigo de se domesticar a Deus, colocando-o numa perspectiva humana e limitada puramente racional, limitando-o a uma interpretação universal e não particular, isto é, subjetiva. Este é o caso quando se limita a compreensão de Deus a partir de padrões e imagens associadas aos homens. No patriarcado, o caso específico da situação masculina, o qual construído socialmente, torna-se padrão e eleva-se como coisa universal, lembrando o que diz Martin Heidegger sobre o conhecimento prévio que permite a inteligibilidade, mas confundido com metafísica.²² Portanto, a experiência religiosa é um pressuposto básico para a interpretação de tal divindade, afirma Deifelt.²³

João Batista Libâneo e Afonso Murad afirmam que há uma relação entre a teologia feminista e alguns elementos da Teologia da Libertação, já que esta incorpora em sua ótica a

¹⁸ OLIVEIRA, André Tadeu de. O Cristianismo e a questão feminista: análise teológica, histórica e sociológica. In: *Teologia e Sociedade*, São Paulo, no. 9, p. 60-77, nov., 2012. p. 76.

¹⁹ DEIFELT, Wanda. Teologias Feministas. In: OLIVEIRA, André Tadeu de. O Cristianismo e a questão feminista: análise teológica, histórica e sociológica. In: *Teologia e Sociedade*, São Paulo, no. 9, p. 60-77, nov., 2012. p. 76.

²⁰ MURAD, 2010, p. 200.

²¹ DEIFELT, Wanda. Deus no corpo: uma análise feminista da revelação. In: TOMITA, Luiza E. et al. *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, ASETT, 2006. p. 70-102.

²² SEIBT, Cezar Luís. *A dupla estrutura do conhecimento: relação entre teoria e compreender prévio do ser-no-mundo em Martin Heidegger*. Tese. 200 f. (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do RS (PUCRS), Porto Alegre, 2009.

²³ DEIFELT, 2006, p. 72.

pergunta pela mulher empobrecida e marginalizada da sociedade.²⁴ Catharina Halkes define a teologia feminista como uma crítica da Teologia da Libertação, pois não se baseia no caráter particular da mulher como tal, mas nas suas experiências históricas de sofrimento e opressão sexual e psíquica, infantilizando sua invisibilidade estrutural em consequência do sexismo nas igrejas e na sociedade.²⁵

Diante de tal definição, qual seria o papel de uma teologia feminista? Realizar a análise crítica, a exploração construtiva, bem como a transformação conceitual, colaborando assim para o florescimento da tradição viva da igreja.²⁶ Sua tarefa seria denunciar e superar o sexismo que tem uma grande influência dentro das Instituições religiosas, superando uma análise antropológica deficientemente patriarcal, e que associa o ser humano ideal ao sexo masculino.²⁷ A proposta da teologia feminista propende, portanto, uma ação criadora a partir de uma ótica de reciprocidade. Não é uma teologia voltada só para as mulheres, mas para todas as pessoas, sejam homens, sejam mulheres, visando à superação de uma teologia incompleta, não baseada na integralidade do que é humano, e que se mostra preocupada com a sobrevivência e bem-estar, não só do gênero humano, mas de todo o planeta.²⁸

Deste modo, a Teologia Feminista se expressa em práticas que produzam transformações e não só em teorias que não produzam mudanças, ou em expectativas no além, no outro mundo, mas com ações éticas transformadoras aqui no presente. Tal teologia visa o respeito, a convergência e o diálogo no campo teológico que tragam transformações no cotidiano. Conseqüentemente, explicitam-se e estreitam-se os laços entre teologia e ação pastoral, uma *práxis* transformadora não só da consciência, mas também da realidade.

Outro ponto fundamental é que as mulheres foram e têm sido desvalorizadas na história da humanidade. O que se propõe, na realidade, é um retorno ao princípio, segundo Isabelle Ludovico.²⁹

²⁴ LIBÂNEO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia*. Perfil, enfoques e tarefas. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2007. p. 254.

²⁵ HALKES, Catharina. Teologia Feminista. Balanço provisório. In: LIBÂNEO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia*. Perfil, enfoques e tarefas. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2007. p. 255.

²⁶ FIORENZA, Elizabeth S. Editorial de: Concilium 202 (1985). In: LIBÂNEO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia*. Perfil, enfoques e tarefas. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2007. p. 255.

²⁷ LIBÂNEO; MURAD, 2007, p. 256.

²⁸ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

²⁹ LUDOVICO, Isabelle. *O resgate do feminino: a força da sensibilidade e ternura em homens e mulheres*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010. p. 32.

Ivone Gebara descreve, por exemplo, a ambivalência da figura da virgem Maria que, de um lado, é humilde, obediente e protetora, e de outro, a figura da mulher poderosa.³⁰ Segundo ela, por muito tempo, essa espécie de alienação e de exílio das mulheres do mundo público, civil e religioso, não incomodou tanto porque as mulheres acostumaram-se a serem socializadas dentro de um referencial masculino, considerando a suposta superioridade masculina algo natural.³¹ O conceito de Deus era influenciado pelas experiências de poder dos homens com essa transcendência, sentencia Gebara.³² No entanto, há outras possibilidades de pensar essa questão; por exemplo, no diálogo de Moisés com Deus em meio à sarça ardente, em Êxodo 3.13-15:

Disse Moisés a Deus: Eis que, quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros. Disse Deus ainda mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós outros; este é o meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração.

O termo em hebraico usado para expressar o conceito de Deus é: **יהיה** (*hayah*) que significa: ser, tornar-se, vir a ser, existir, acontecer.³³ É um conceito que não tem definição sexual. Deus era conceituado no ambiente público e religioso de acordo com as experiências com o transcendente, que eram expressos conforme as respostas de suas necessidades humanas.³⁴ A autora salienta que a distinção doméstica limitou o acesso ao mundo público, que conseqüentemente limitou o acesso à expressão pública de sua experiência religiosa.

A insegurança do novo, partindo de uma análise antropológica da religião, tem ameaçado a paz de algumas instituições religiosas tradicionais que não concordam com tais interpretações contemporâneas. O debate tem atenuado tal discussão, já que novas compreensões têm surgido com o progresso das ciências, que partem de uma análise que utiliza diferentes ferramentas científicas e não mais só de uma confissão de fé institucionalizada. Porém, não se pode negar as contribuições que as mulheres têm dado às igrejas protestantes, especialmente às Assembleias de Deus no Brasil, no âmbito das relações de poder.

³⁰ GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 21.

³¹ GEBARA, 2007, p. 23.

³² GEBARA, 2007, p. 28.

³³ STRONG, James (Org.). *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. Verbete: igreja.

³⁴ GEBARA, 2007, p. 28-29.

Tal perspectiva teológica trouxe novas abordagens sobre a compreensão do conceito de transcendência com uma nova compreensão do que significa ser mulher, visando uma igualdade familiar e pessoal entre mulheres e homens. A proposta das teologias feministas é, portanto, a suspensão da transcendência metafísica abstrata e sua mudança à transcendência existente das experiências humanas. Tais esforços críticos das teologias feministas acrescentaram novos elementos que propunham uma nova sistematização por conta de explícitas violências religiosas e de dominação das consciências.³⁵

Tais mudanças de crenças religiosas têm a ver com as mudanças que são operadas nas relações em sociedade, que envolvem implicações sociais, políticas e culturais, podendo interferir inclusive nas crenças religiosas, conforme o exemplo de Maria em Betânia, segundo a reflexão de Maria Clara Bingemer:

A entrada da mulher no campo da teologia traz consigo uma nova maneira, um novo método para pensar e expressar. Entrando no campo da reflexão teológica com sua corporeidade própria e diferente, aberta a sempre novas e inovadoras inscrições, espaço disponível à invasão e à fecundação criadora, destinada a ser hospedeira e protetora da vida, a mulher revoluciona o próprio rigor e sistematicidade do método teológico. Sua presente irrupção no sisudo e racional mundo teológico masculino do passado é tão desconcertante e nova como a da mulher do evangelho de João 12,1-8, que invade a refeição que se cumpria dentro das mais estritas normas sociais e rituais judaicas com sua presença e seu perfume. Seguindo o impulso do desejo que lhe transbordava do coração, a mulher enche o espaço com um novo odor, que todos não podem deixar de sentir e respirar. Ainda que a primeira impressão que emerge seja de corpo estranho e não de integração de um elemento novo mal assimilado no conjunto, o modo feminino de fazer teologia vai encontrando seu lugar e fazendo seu caminho. À coragem de derramar o perfume da festa alheia sucede o momento em que o mesmo perfume derramado luta e entra em choque com os seculares odores que formam tradicionalmente o meio ambiente. O presente é feito dessa pluralidade de odores, algumas vezes aparentemente incompatíveis, muitas vezes conflitivos. Será preciso que o perfume raro e de alto preço da sensibilidade e do sentido da gratuidade femininos vá sendo lentamente assimilado e difundido para que toda a teologia respire um ar novo e purificado, recuperando suas raízes vitais e desejanças, seu sabor de gratuidade, de prazer, de boa nova, suas misteriosas e pacientes dimensões partejadoras que transformam, dor em vida nova, sepultura em ressurreição.³⁶

Deste modo, a proposta de tal perspectiva, no processo *alterativo e libertador*, visa à libertação e à autonomia das mulheres não só nos aspectos filosóficos, políticos e sociais, mas também no âmbito dos debates teológicos e da vivência religiosa.

³⁵ GEBARA, 2007, p.47.

³⁶ BINGEMER, Maria Clara. *O segredo feminino do mistério*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 56; LIBÂNEO; MURAD, 2007, p. 257.

Alteridade

Partindo da leitura de Dorilda Grolli,³⁷ onde a autora aborda a questão de gênero e Religião, almeja-se analisar, por meio de uma perspectiva crítica, social, política, filosófica e teológica, e descrever uma concepção do ministério feminino dentro das lideranças das Assembleias de Deus no Brasil. Esse trabalho parte do pressuposto de que esses conceitos foram essenciais no processo de emancipação humano-existencial no trabalho desenvolvido pelas mulheres na história do pentecostalismo brasileiro.

Alteridade, segundo Nicola Abbagnano, é: “Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro”.³⁸ Vem do latim *alter* = outro (diferente, oposto, contrário). Nesse sentido, a forma portuguesa *alterar* indica a troca de lugar de algo por *outro*; e a forma *alternativo* tem sentido de um depois do *outro*.

Leonardo Boff expõe que, diante desse novo quadro, deve-se emergir a uma nova sensibilidade e a um novo *ethos*, uma revolução possível nos tempos da globalização.³⁹ A proposta de Boff é a criação de um pacto ético, fundado na sensibilidade humanitária, inteligência emocional, expressa no *cuidado*, pela responsabilidade social e ecológica, pela solidariedade e compaixão, propondo uma prática histórico-social libertadora. Tal proposta ética não deve ter valor somente teórico, mas prático, de forma urgente e imediata. Como propõe Boff, trata-se de um *ethos* cuja inspiração dos valores e princípios que orientam-se às relações humanas com a natureza, sociedade, alteridade, consigo mesmo e com o transcendente existencial, Deus.

Qual seria então a saída para tal problema? Algo comum, global, compreensível e viável para todas as pessoas, inclusive para o planeta. Tal ética seria o consenso mínimo entre os humanos, já que tal proposta ética é o bem comum para todas as pessoas, inclusive para a natureza.

Essas indagações apontam para as seguintes questões: o que tem regido nossos governantes: razões éticas ou razões políticas? Como a liderança religiosa tem governado as instituições religiosas, diante desses novos desafios? “A saída [...] é encontrar uma nova

³⁷ GROLLI, Dorilda. *Alteridade e Feminismo: uma abordagem filosófica de alteridade e feminismo na obra de Enrique Dussel e seus desdobramentos histórico-sociais no contexto latino-americano*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

³⁸ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 35.

³⁹ BOFF, Leonardo. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 16-17.

base de mudança necessária. Essa base deveria apoiar-se em algo que fosse realmente comum e global, de fácil compreensão e realmente viável”.⁴⁰

A ética é, antes de mais nada, a capacidade de protegermos a dignidade da vida coletiva. Afinal de contas, nós, homens e mulheres, vivemos todas juntas. Para os seres humanos não existe vivência, existe apenas convivência. As pessoas são humanas por conta dos outros humanos. A humanidade é compartilhada. Ser humano é ser junto ao *outro mediatizados pelo mundo*.⁴¹ Isso significa que é preciso saber que a convivência exige uma noção especial de igualdade de existência, o que obriga a afastar do ponto de partida qualquer forma de arrogância. Esta visão de alteridade é a capacidade de ver a *outra* como *outra* e não como estranha.⁴²

Pessoas arrogantes são incapazes de prestar atenção no *outro*, afirma Mario Sergio Cortella.⁴³ A perspectiva ética obriga a perceber essa multiplicidade de pontos de vista. A pessoa arrogante acha que só tem um ponto de vista que vale: o seu. A visão de alteridade é ver a *outra* como *outra*, e não como estranha, pois a fratura ética se origina, em grande parte, da arrogância e da ganância. Ganância e arrogância são mecanismos de decadência ética.⁴⁴

Cavalcante chama à atenção para o fato de que a espiritualidade deveria proporcionar uma consciência política, uma preocupação com o *outro*, conforme ele descreve:

[...] a arte de amar nas ações comunitárias, na alteridade da presença confortadora e apoiadora junto aos que sofrem, nos atos coletivos que almejam a superação de privações e a promoção do bem-comum, no exercício responsável da cidadania, nos órgãos de classe, nos clubes de serviço, nos partidos políticos, crendo na possibilidade de reconstruir o mundo, crescendo a nossa humanidade no crescimento da consciência e na vivência de valores.⁴⁵

A ética fundada no amor se constitui na percepção, no zelo e no *cuidado* da *alteridade*. É no encontro com essa *alteridade* que a ética cristã se torna concreta. Visando o bem estar do *outro*, a ética cristã se propõe a um grande desafio: apresentar um modelo

⁴⁰ BOFF, 2003, p. 16.

⁴¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 39.

⁴² CORTELLA, Mario Sergio. *Qual é a tua obra?: inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 117.

⁴³ CORTELLA, 2010, p. 118.

⁴⁴ CORTELLA, 2010, p. 119-120.

⁴⁵ CAVALCANTE, Robinson. Disponível em: <<http://www.dar.org.br/bispo/50-artigos/1460-espiritualidade-e-consciencia-politica-forum-cristao-de-profissionais.html>>. Acesso em: 20 out. 2014.

ético de vida pelo qual os seres humanos superem a si mesmos na busca de uma vivência pacífica e amorosa, inclusive entre homens e mulheres.

Toda religião, deste modo, visa transformar moralmente seus/suas adeptos/as harmonizando a conduta dos indivíduos em comunidade. O cristianismo como religião não é diferente. Ele busca identificar esses valores e difundi-los, a fim de que possam ser cultivados por todos/as seus/suas fiéis, buscando assim uma transformação moral e espiritual, conseqüentemente uma transformação não só teórica mas também prática. Uma ética do bem viver em sociedade.⁴⁶

O cristianismo busca o 'dever ser', um modelo conseqüente para a vida em sociedade. Nesta busca de um 'dever ser', ele apresenta um conjunto de normas e leis, uma proposta moral que possa orientar a conduta dos indivíduos aderentes a tal noção moral e ética. Essa normatividade só será possível, extrai-se das Escrituras, ao passo em que o temor e tremor do Senhor se tornar medida de respeito pela criação de Deus.

Porém, o egocentrismo e a lógica da sociedade de mercado têm predominado atualmente nas relações entre os seres humanos. O que se observa são a multiplicação e disseminação das manifestações de ódio, exploração, destruição e, sobretudo, a desvalorização da pessoa humana. A partir do momento em que o ser humano se aproxima de Deus, ele passa por uma reforma ética a partir dos princípios cristãos, ele muda seus valores. E mudando os valores ele muda o seu comportamento, não só interna mas também externamente, ou seja, não só no relacionamento com Deus, mas consigo mesmo e com o próximo. De acordo com Clive Lewis, esta 'harmonia interior' é um ideal que o cristianismo se propõe a alcançar, e que deveria nortear o indivíduo a viver bem em sociedade.⁴⁷

A ética cristã não visa alienar, manipular ou controlar o indivíduo em suas ações ou condutas, mas administrar, direcionar e conduzir o indivíduo em sua vida em particular e em sociedade. Segundo Lewis, a humanidade é comparada a uma banda de música, que, para ter sucesso, é preciso que todos os seus instrumentos estejam bem afinados e sejam tocados no momento certo para se harmonizar com os demais. Assim, a ética parece se relacionar a três coisas:

Primeiro, com a justiça e a harmonia entre os homens. Segundo, com o que se poderia chamar de uma arrumação e harmonização das coisas no interior de cada

⁴⁶ GRENZ, Stanley J. *A busca da moral: fundamentos ética cristã*. São Paulo: Vida, 2006. p. 61.

⁴⁷ LEWIS, Clive S. *A Essência do Cristianismo Autêntico*. São Paulo: ABU, 1979. p. 39.

um. Terceiro, com o objetivo moral da vida humana como um todo, com o fim para qual o homem foi criado.⁴⁸

Poder-se-ia acrescentar que a ética cristã é o modelo ético de resistência às mazelas do mundo como corrupção, arrogância humana e o desejo de assumir o lugar de Deus. Assim, tal proposta ética não se perde nos devaneios da razão, mas apresenta referências concretas para a ação humana, para hoje, aqui e agora, e não para o além.

Portanto, a proposta do feminismo é a de um movimento social emancipatório, com os objetivos de “[...] ir além do sufrágio e de campanhas pela moral e pureza social buscando uma determinação intelectual, política e sexual. O objetivo [...] era um equilíbrio entre as necessidades de amor e de realização, individual e política [...]”.⁴⁹ Tal tomada de consciência das mulheres, como coletivo humano, a respeito da opressão, dominação e exploração de que foram e são objetos por parte do coletivo de homens é que movimenta essa busca de liberdade e transformações da sociedade como filosofia política e como movimento social.⁵⁰ É a busca do fazer e do pensar, dentro de uma teoria política e de uma prática social, que consiste em uma capacidade emancipatória e de uma tomada de consciência crítica de que, muitas vezes, o masculino é confundido com o universal. |

Considerações Finais

| O papel das mulheres vai muito além de ‘donas de casa’, que tradicionalmente tem sido ignoradas, esquecidas como um simples elemento histórico. Elas são agentes transformadoras, que mesmo em meio as perseguições e sofrimentos, jamais deixaram de pregar o evangelho, muito menos de servir a Igreja, seja em que função for. Mesmo em meio as perseguições, sofrimentos, jamais deixaram de proclamar o Reino de Deus, ainda que isso lhes custasse a perda do esposo, dos filhos, amizades, bens, reputação, liberdade ou até mesmo sua própria vida.

Mesmo em meios as dificuldades e desafios, elas não abriram mãos de sua responsabilidade com Deus, com o próximo, muito menos consigo mesmo. Levando sempre consigo as marcas do Evangelho que se resume em: amar a Deus sobre todas as coisas, a fé, e amar ao próximo como a si mesmo, obras, ações e práxis. |

⁴⁸ LEWIS, 1979, p. 39.

⁴⁹ GARCIA, 2011. p. 13.

⁵⁰ GARCIA, 2011, p. 13.

Referências

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. rev. e atual. com números de Strong. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BATISTA, Israel. Para brotar, a Semente deve morrer. In: SINNER, Rudolf von (Org.). *Missão e Ecumenismo na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2009.

BINGEMER, Maria Clara. *O segredo feminino do mistério*. Petrópolis: Vozes, 1991.

BOFF, Leonardo. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

_____. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BUCKINGHAM, Will et al. *O Livro da Filosofia*. Tradução de Douglas Kim. São Paulo: Globo, 2011.

CAVALCANTE, Robinson. Disponível em: <<http://www.dar.org.br/bispo/50-artigos/1460-espiritualidade-e-consciencia-politica-forum-cristao-de-profissionais.html>>. Acesso em: 20 out. 2014.

CORTELLA, Mario Sergio. *Qual é a tua obra?: inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

DEIFELT, Wanda. Deus no corpo: uma análise feminista da revelação. In: TOMITA, Luiza E. et al. *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, ASETT, 2006.

_____. Teologias Feministas. In: OLIVEIRA, André Tadeu de. O Cristianismo e a questão feminista: análise teológica, histórica e sociológica. In: *Teologia e Sociedade*, São Paulo, no. 9, p. 60-77, nov., 2012.

FIORENZA, Elizabeth S. Editorial de: Concilium 202 (1985). In: LIBÂNEO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia*. Perfil, enfoques e tarefas. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011.

GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GRENZ, Stanley J. *A busca da moral: fundamentos ética cristã*. São Paulo: Vida, 2006.

GROLLI, Dorilda. *Alteridade e Feminismo: uma abordagem filosófica de alteridade e feminismo na obra de Enrique Dussel e seus desdobramentos histórico-sociais no contexto latino-americano*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

HALKES, Catharina. Teologia Feminista. Balanço provisório. In: LIBÂNEO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia*. Perfil, enfoques e tarefas. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

HEYWOOD, Andrew. *Ideologias políticas: do feminismo ao multiculturalismo*. vol. 2. São Paulo: Ática, 2010.

LEWIS, Clive S. *A Essência do Cristianismo Autêntico*. São Paulo: ABU, 1979.

LIBÂNEO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia*. Perfil, enfoques e tarefas. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

LOPES, Augustus Nicodemus. *O Feminismo Cristão: como tudo começou*. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com.br/2011/12/o-feminismo-cristao-como-tudo-comecou.html>>. Acesso em: 04 out. 2014.

LUDOVICO, Isabelle. *O resgate do feminino: a força da sensibilidade e ternura em homens e mulheres*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

MURAD, Afonso et al. *A casa da teologia: introdução ecumênica à ciência da fé*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010.

OLIVEIRA, André Tadeu de. O Cristianismo e a questão feminista: análise teológica, histórica e sociológica. *Teologia e Sociedade*, São Paulo, no. 9, p. 60-77, nov., 2012.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Guia politicamente incorreto da filosofia*. São Paulo: Leya, 2012.

SEIBT, Cezar Luís. *A dupla estrutura do conhecimento: relação entre teoria e compreender prévio do ser-no-mundo em Martin Heidegger*. Tese. 200 f. (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do RS (PUCRS), Porto Alegre, 2009.

STRONG, James (Org.). *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. Verbetes: igreja.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM, 2012.